



Fernando da Conceição Neves é bacharel e licenciado em filosofia pela UERJ. Atualmente cursa o mestrado em conhecimento e linguagem (PFI-UFF).

1) Por que você escolheu cursar Filosofia? E por que escolheu a UERJ?

Alguns encontros foram determinantes para eu ter escolhido o curso de Filosofia. Tudo aconteceu no ano de 2009. Nessa época, eu era apaixonado pela cultura punk e cursava o 9º ano do Ensino Fundamental. É característico dessa cultura a insatisfação com questões sociais e existenciais, assim como a atitude questionadora perante o mundo. Paralelamente a isso, tive a influência do meu professor de História. Ele via em mim uma vocação para a Filosofia. Por outro lado, eu tinha um amigo que já cursava o Ensino Médio e trazia as questões da Filosofia para nossos debates diários.

Essas influências, unidas às características típicas da minha personalidade, me fizeram ter uma forte convicção de que eu deveria escolher algum curso das Humanidades. Filosofia sempre foi minha primeira opção, mas após o contato com a psicanálise de Freud, acabei descobrindo outros interesses. Fiz o vestibular para Psicologia, mas nesse meio tempo percebi que precisava partir do curso de Filosofia, porque eu tinha questões que a psicologia não se esforçava em tentar responder.

2) Que idade você tinha ao começar a graduação em Filosofia? Teve outras experiências profissionais (prévias ou paralelas à graduação)?

Quando eu comecei a graduação em Filosofia, tinha 19/20 anos, e paralelamente ao meu primeiro período eu trabalhava em uma empresa de telemarketing. Esse fato se deu porque, conforme já expus, meu primeiro vestibular foi para Psicologia. Por questões diversas eu não passei no vestibular, e acabei ficando um ano inteiro me preparando para o próximo. Eu precisava pagar o meu pré-vestibular, então me candidatei a uma vaga de operador de telemarketing na empresa Atento. Essa experiência foi muito importante na minha vida, inclusive na minha vida acadêmica, pois adquirir responsabilidades e experiências que apenas um trabalho de carteira assinada fornece: compromisso com horário, a lida com hierarquia, passei a pagar contas dentro de casa (e isso é uma informação importante, porque nessa época a minha família passava por uma dificuldade financeira, o que também foi um ensejo para que eu começasse a trabalhar).

EMAIL

fernandodacneves@gmail.com

3) Como essa escolha se situa em relação às trajetórias profissionais da sua família? Quais as profissões exercidas por seus avós, pais e irmãos? Como sua escolha foi vista?

A minha escolha acadêmica não tem absolutamente nada a ver com as escolhas profissionais dos meus pais ou avós, assim como qualquer outro familiar. Meu pai era vigilante e minha mãe cabelereira. Ambos não possuíam qualquer contato prévio com as Ciências Humanas. Pelo contrário, meu pai era apaixonado por Física e sempre me influenciou a ser um profissional na área de informática. Fiz o ensino médio técnico integrado com informática e ali percebi que não era a minha área.

4) Quais conceitos, teses ou ideias você destacaria como marcantes ao longo da graduação? Por quê?

Mais do que um conceito, eu destacaria a postura filosófica dos professores que fizeram parte da minha formação no curso de Filosofia da UERJ, em especial os professores Marco Casanova e Paulo Cesar Gil Ferreira. Meu primeiro contato com a Filosofia na UERJ foi com a fenomenologia de Edmund Husserl. Até ali, eu era marcado por um conjunto de convicções sobre o mundo, sobre a ciência e sobre a Psicologia (área que eu nunca tirei do meu campo de interesse). Eu entrei na Filosofia com o propósito de potencializar meus conhecimentos acerca da Psicologia, e o meu contato com a fenomenologia me fez mudar totalmente a minha postura perante as ciências.

A atitude crítica e rigorosa perante às ciências não é típica da fenomenologia, na verdade já vimos tal atitude nas filosofias de Descartes, Hume, Kant, Dilthey, Brentano, Husserl, Heidegger e Merleau Ponty, autores determinantes na minha formação e que eu admiro bastante. É possível afirmar que a principal ocorrência que marcou a minha graduação foi o caráter crítico que todos esses autores consideravam ao lidarmos com o universo científico. As ciências consistem em grandes esforços para desvendar os mistérios da humanidade, compreender o humano e interferir direta ou indiretamente na vida pública. As ciências médicas se esforçam para emitir um discurso sobre a saúde; as ciências humanas e sociais se esforçam para emitir um discurso sobre as relações humanas em sociedade; porém, todas elas, com seus esforços, precisam de um ponto de partida filosófico acerca da realidade para darem início aos seus trabalhos, mesmo que esse ponto

de partida seja parcial e temporário. Uma breve passagem na história do pensamento permite perceber que as bases da ciência moderna (que se não é a própria ciência atual, é pelo menos a sua base) passam por problemas seríssimos se forem analisadas em seu rigor: o problema da indução já apontado por David Hume – que impede que as ciências desse âmbito possam emitir um discurso sobre o real que seja 100% confiável, tendo assim, sempre o caráter de probabilidade; o problema inerente às próprias teses metafísicas das quais essas ciências partem – para o andamento do seu trabalho, já dizia Husserl em *Prolegômenos*, as ciências precisam pressupor algumas teses sobre a constituição da realidade as quais elas mesmas não podem fundamentar ou provar: a tese de que o mundo é dividido em físico e psíquico; a tese de que temos um fácil acesso à objetividade; a tese de que há uma realidade para além da consciência (realidade essa que está disponível a todo momento para o conhecimento); entre outras coisas. Ao fim e ao cabo, a falta de criticidade dessas ciências perante esses pontos de partida, de acordo com esse conjunto de autores citados, as torna ciências *ingênuas*. E foi justamente essa noção que marcou a minha graduação e que me fez ter outros projetos e outro olhar para as ciências em geral, e em particular para a ciência pela qual eu sempre tive interesse: a Psicologia.

5) Pode nos contar sua trajetória profissional após a graduação?

A minha trajetória profissional/acadêmica após a graduação é marcada por duas grandes conquistas: primeiro, pela minha aprovação no mestrado da UFF; e segundo, no interior do programa de mestrado, pela minha atuação como Tutor Acadêmico nessa instituição.

Ao me formar, prestei o processo seletivo do mestrado para o Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFF, na linha de pesquisa “Conhecimento e Linguagem”, sob a orientação do professor Carlos Diógenes Tourinho. A motivação dessa escolha não foi aleatória, continuo estudando a fenomenologia de Husserl, ainda no contexto o qual expus, porém em um programa que é constituído mais propriamente em torno da temática que me atendia. Em termos de razões, eu saí da graduação em Filosofia da UERJ convicto de que iria fazer um trabalho filosófico sobre a Psicologia, o que é comumente chamado de “filosofia da psicologia”, e aproveitaria a minha formação em fenomenologia para

fundamentar esse trabalho. Sendo assim, vi como oportuno procurar um programa que fosse constituído por filósofos e psicólogos e que talvez pudesse me indicar um caminho propício para tal, e foi o que eu encontrei no PFI da UFF.

Atualmente, faço o mestrado *stricto sensu*. Especificamente, trabalho conceitos básicos da fenomenologia que me darão oportunidade de trabalhar futuramente uma filosofia da psicologia. Esses conceitos são a “intuição” e a “evidência”. Todo discurso científico, afirma Husserl, supõe uma marca distintiva que diferencia a opinião do conhecimento. E essa marca distintiva é a evidência: a certeza luminosa de que algo é ou não é. O cientista não quer apenas emitir juízos sobre os objetos, ele quer que seus juízos tenham o caráter de verdade, de evidência, portanto. No entanto, a evidência não se dá sozinha, ela necessita de intuições que captam o objeto a ser conhecido em sua própria presença de coisa ou de estado-de-coisas. O exemplo disso é quando um médico apenas presume que um paciente tem isso e aquilo (aqui ele ainda está apenas na mera presunção sobre a coisa). Quando ele realiza o exame, e o exame dá a imagem do órgão a ser investigado, então temos uma captação da presença daquilo sobre o que se fala (o coração, ou o cérebro). Apenas na presença da coisa é que podemos dizer se o discurso sobre a coisa é verdadeiro ou falso.

É justamente nessa esteira que o meu trabalho de dissertação se situa. No momento, estamos apenas depurando os conceitos indicados, assim como estabelecendo sua taxonomia. Para o futuro, pretendo partir dessas lições e perguntar o seguinte às Ciências Humanas: como falar em conhecimento em ciências que não permitem uma captação intuitiva (direta e imediata) dos seus objetos? E aí eu destaco a Psicologia, a História e, talvez, o Direito.

No interior do meu ingresso no mestrado, tive a oportunidade de me tornar tutor acadêmico pelo programa. O Programa de Tutoria promove cursos sobre letramento acadêmico, assim como assistência acadêmica aos estudantes de Filosofia da universidade. Sendo assim, promovo cursos semanais concernentes à escrita e leitura acadêmicas, assim como atendo demandas individuais diversas. Esse contato me fez ter uma primeira experiência com a sala de aula de nível superior, que é o meu objetivo principal de carreira.

6) Houve algum episódio na graduação que você destacaria como marcante para a forma como enxerga e atua no mundo? Por quê?

Conforme já indiquei anteriormente, o meu contato com as aulas e seminários dos professores Paulo Gil e Casanova, que eram muitas vezes em contato com professores destaques da UERJ como Tito Marques, Fabiano Lemos, Alexandre Cabral, entre outros, foi determinante para a minha primeira formação de consciência crítica perante o mundo. Esse meu relato parte de uma ideia atestada facilmente na experiência. Basta que observemos como os bebês aprendem: não há melhor aprendizado do que aquele que se faz pelo exemplo, pela influência, pelo observar, pela própria vivência da coisa enquanto ela acontece.

Ter tido contato com a performance crítica desses professores em aulas, palestras e seminários (inclusive, eles sempre abriram a possibilidade de que os estudantes participassem na organização desses eventos) mudou radicalmente a minha visão perante o mundo: passei a ver as questões da humanidade com uma postura questionadora mais acurada, passei a não entender o universo acadêmico como um sistema fechado em escolas específicas, mas do contrário, a entender a universidade como uma abertura para a diversidade de pensamento, entre outras coisas.

7) E daqui para a frente? Quais seus principais projetos profissionais?

Em termos de projetos, pretendo defender a minha dissertação de mestrado e me preparar para ingressar no doutorado. O tema que eu irei trabalhar no doutorado está ainda em desenvolvimento. Pretendo continuar o meu trabalho de filosofia da psicologia a partir da fenomenologia de Husserl, mas também pleiteio aproveitar o meu trabalho de tutor acadêmico e cultivar um trabalho em letramento acadêmico e metodologia de ensino e aprendizado em filosofia.

Concomitante a isso, pretendo me consolidar no mercado profissional do magistério, tanto a nível de ensino básico, como de ensino superior. Mas confesso que meu projeto principal é atuar futuramente como professor adjunto em uma universidade pública, quem sabe retornar à UERJ, mas, dessa vez, como docente.

Entrevista concedida em 13 de maio de 2023.